

argumentos —, pode ser entendido como uma espécie de súmula das hipóteses que, na perspectiva de Arthur Danto, sobreviveram ao tempo e às críticas que recebeu. É provável que o tom contra-argumentativo e sintetizador desse esforço final deva-se ao fato de que foi escrito ao mesmo tempo em que produzia sua autobiografia intelectual e respondia aos vinte e sete ensaios críticos que compõem o volume sobre ele da coleção *Biblioteca dos Filósofos Vivos*. Assim, o filósofo produz uma espécie de paráfrase livre das principais ideias que compõem sua teoria, o que ressalta sua distinta capacidade de transformar críticas em caminhos para respaldar sua argumentação.

Devido à importância conquistada pelas ideias de Arthur Danto e de seu legado crítico, ele se transformou em bibliografia básica na filosofia, na história e nas artes. Assim, além de acessível e instigante para qualquer pessoa interessada em arte, esta obra é fundamental para pesquisadora/s interessada/s na possibilidade de definir a arte, no papel da estética e nos problemas artísticos colocados pela contemporaneidade. Ao final, é possível entender o desejo dantiano de definir a arte como uma busca heróica de quase meio século que proporciona novos sentidos para “(...) a ideia pouco consoladora de que, do fato de que qualquer coisa *podê ser* arte, não se segue que tudo é arte” (p. 71).

É amplamente aceito que Platão definiu a arte como imitação, embora seja difícil dizer se isso era uma teoria ou apenas uma observação, uma vez que não havia outro tipo de arte na Atenas de seu tempo. Parece claro, contudo, que a imitação em Platão significava praticamente o mesmo que significa hoje em inglês: parece a coisa de verdade, mas não é a coisa de verdade. Platão, no entanto, estava interessado em arte sobretudo de modo negativo, visto que tinha o objetivo de projetar uma sociedade ideal — uma República! — e estava disposto a se livrar das/os artistas, alegando que a arte tinha pouquíssimo uso prático. Para atingir esse objetivo, ele elaborou um mapa do conhecimento humano, colocando a arte no nível mais baixo possível — junto a reflexos, sombras, sonhos e ilusões. Platão considerava isso tudo meras aparências, uma categoria à qual pertenciam os tipos de coisas que artistas sabiam fazer. Assim, artistas eram aptos a desenhar mesas, o que significava que sabiam como elas se pareciam, mas eles conseguiriam de fato fazer uma mesa? Provavelmente não — mas para quê, na verdade, serviria a aparência de uma mesa? Com efeito, existia um conflito entre arte e filosofia, pois os escritos dos poetas eram utilizados para ensinar às crianças

como se comportarem. Platão achava que a pedagogia moral deveria ser deixada ao encargo de filósofos, os quais não usavam imitações para explicar como as coisas são, mas sim a realidade.

No Livro Dez de *A República*, Sócrates, o personagem de Platão, sugeriu que, se o objetivo era imitar, nada melhor do que usar um espelho, pois ele daria reflexos perfeitos de qualquer coisa para a qual fosse apontado, reflexos melhores do que aqueles que as/os artistas em geral conseguiam fazer. Livremo-nos, então, das/os artistas. Os gregos usavam de forma pedagógica textos como a *Íliada* a fim de ensinarem a conduta correta. Todavia, são os filósofos que conhecem as coisas mais elevadas, nomeadas como “ideias” por Platão. Tendo as/os artistas do caminho, os filósofos poderiam, por fim, ensinar e atuar como governantes não suscetíveis à corrupção.

Em todo caso, ninguém pode negar que a arte de então consistia em imitações ou, para parafrasear historiadores da arte moderna, capturas de aparência. Quão diferente da situação atual! “Estou muito interessado em saber como esse tópico – o que é a arte – é abordado”, escreveu meu amigo, o artista Tom Rose, em uma anotação pessoal. “A questão que surge em todas as aulas e em todos os contextos”. É como se a imitação tivesse desaparecido e outra coisa tivesse ocupado seu lugar. No século XVIII, quando a estética foi inventada ou descoberta, o pensamento era de que a arte contribuía para a beleza, dando prazer àqueles dotados de gosto. Beleza, prazer e gosto eram uma tríade atracente, levada a sério por Kant nas páginas iniciais de sua obra-prima, a *Crítica da faculdade do juízo*. Depois de Kant – e, antes dele, Hume – houve Hegel, Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty e John Dewey, cada um apresentando teses maravilhosas,

porém, conflitantes. E houve também as/os próprias/os artistas, com pinturas e esculturas a serem vendidas em galerias, feiras de arte e bienais. Não me admira muito que a questão do que é a arte tenha surgido “em todas as aulas e em todos os contextos”. Então: o que é a arte? O que sabemos a partir da cacofonia da argumentação artística é que há muita arte não imitativa, o que justificaria não lermos Platão, exceto por respeito a suas opiniões. Este foi um primeiro passo. Aristóteles foi quem levou a questão mais longe, aplicando-a a apresentações dramáticas – tragédias e comédias – que, segundo sua argumentação, eram imitações de ações. Antígona era o modelo de esposa, Sócrates não era bem um modelo de marido, e assim por diante.

Se algumas formas de arte são imitação e outras não, penso que nenhum dos termos pertence à *definição* de arte, entendida filosoficamente. Uma propriedade faz parte da definição apenas se pertencer a todas as obras de arte existentes. Com o advento do modernismo, a arte se afastou das imagens espelhadas, ou melhor, a fotografia estabeleceu o padrão de fidelidade. Em relação às imagens espelhadas, a fotografia tem como vantagem a capacidade de preservar as imagens, embora, é claro, as imagens fotográficas estariam suscetíveis a desaparecer gradualmente.

Há graus de fidelidade na imitação, o que fez com que a definição platônica de arte permanecesse vigente e pouco discutida, até que parou de capturar a aparente essência da arte. Como isso pôde acontecer? Historicamente, aconteceu com o advento do Modernismo, portanto, este livro começa a partir de certas mudanças revolucionárias que ocorreram na França, principalmente em Paris. Platão teve uma aceitação fácil do século VI a.C., até 1905-7 d.C., com os chamados *Fauves* –

bestas selvagens – e o Cubismo. Na minha opinião, para obter uma definição melhor que a de Plato, é preciso acentuar-se para artistas mais recentes, uma vez que tendem a retirar de suas teorias propriedades antes consideradas essenciais à arte, como a beleza. Marcel Duchamp encontrou uma maneira de erradicar a beleza em 1915, e Andy Warhol descobriu que uma obra de arte poderia parecer-se exatamente com uma coisa real em 1964, embora os grandes movimentos dos anos de 1960 – Fluxus, Arte Pop, Minimalismo e Arte Conceptual – tenham feito arte que não era exatamente imitação. Curiosamente, a escultura e a fotografia deslocaram o cerne da autoconsciência artística nos anos setenta. Depois disso, tudo se tornou viável. E aconteceu de tudo, deixando em aberto se uma definição de arte seria ainda possível. Não é qualquer coisa que pode ser arte.

O primeiro capítulo, e mais longo, pode parecer história da arte, mas não é. *Grosso modo*, certas de renome decidiram que a arte é indefinível, uma vez que não existe uma propriedade que seja suficientemente abrangente para defini-la – na melhor das hipóteses, a arte é um conceito aberto. Na minha opinião, a arte tem de ser um conceito fechado. Deve haver algumas propriedades abrangentes que expliquem por que a arte de certa forma é universal.

É verdade que atualmente a arte é pluralista. O pluralismo foi notado por certos seguidores de Ludwig Wittgenstein. O que faz a arte ser essa força tão poderosa como descrita em músicas ou histórias literárias deve-se ao que, já de começo, a torna arte. Realmente, quando se trata de agitar o espírito, não há nada equivalente.

Ao usar Duchamp e Warhol para chegar à minha definição de arte, tentei esboçar exemplos da história da arte a fim de mostrar que a definição sempre foi a mesma. Assim, uso Jacques-Louis David, Piero della Francesca e o grande teto da Capela Sistina feito por Michelangelo. Se considerarmos que há alguma universalidade no conceito de arte, é preciso mostrar que esta pode ser encontrada ao longo de sua história.